

## O PROCESSO INFERENCIAL NA INTERFACE TEXTO/IMAGEM

Stéphane Rodrigues DIAS \*

*ABSTRACT: This paper aims to identify a descriptive model of similar implicatures between text and visual image in a Semantics / Pragmatics interface. It starts with the hypothesis that there is an inferential reasoning that triggers and articulates linguistic and imagetic inferences. By this perspective, image is analyzed as "description-of-image", to allow the implementation of the descriptive and inferential model offered by the Theory of Implicature and by the Theory of Generalized Conversational Implicature from one language to another. We illustrate the theoretical part through a film analysis. Finally, we assume the existence of a principle of relevance that guides the inferential process. The object of research and the methodology adopted fall within the approach suggested by the Metatheory of Interfaces, in that the object is described internally to Linguistics, through Semantics and Pragmatics, and is capable of explaining by the connexion between Language, Communication and Cognition .*

*KEYWORDS: inference; image; relevance; interface; Semantics/Pragmatics.*

### 1. Introdução

Este trabalho insere-se no escopo do Programa de Pesquisa em Lógica e Linguagem Natural (PPLLN) da PUCRS. Através de uma investigação do processo inferencial em contexto de comunicação complexa, se constrói a interface Linguística/Comunicação/Cognição. O fenômeno inferencial, por esse viés, é descrito no interior das disciplinas em foco e explicado interdisciplinarmente, via relações entre: *Linguística*, na medida em que se pesquisa o processo inferencial em linguagem natural; *Comunicação*, através da pressuposição de um modelo comunicacional, e *Cognição*, uma vez que se assume um modelo de processamento cognitivo.

A descrição e a possibilidade de explicação do objeto são relevantes para as áreas envolvidas, por essa perspectiva, somente se levarem em consideração as relações de interface. O objeto de investigação e a concepção metodológica assumida enquadram-se, pois, no modelo proposto pela Metateoria das Interfaces (COSTA, 2007), na defesa de que um objeto de estudo não é independente da perspectiva teórica em que se insere, sendo um construto dessa perspectiva.

A escolha por ilustrar o processo inferencial através do discurso, num viés comunicativo, se justifica pela vantagem da continuidade discursiva, que pode fornecer evidências acerca do raciocínio dos interlocutores na comunicação de informações e intenções. O discurso imagético, por sua vez, mostra-se relevante ao estudo pela sua riqueza de ditos e de implicaturas multiformes, de modo que a comunicação verbal e visual, quando ostensivas, aproximam-se sobremaneira enquanto linguagens; a presença ou ausência de código, assim, não implica em uma disparidade de princípios comunicativos, podendo o verbal e o imagético ser abordados em suas semelhanças, mesmo em observância a suas especificidades, enquanto textos que exigem do leitor decodificação/percepção e processamento inferencial complexo.

---

\* Mestranda em Linguística; Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

## 2. Da comunicação e da linguagem

Diz-se que a linguagem é sempre dialógica. Essa perspectiva, é claro, está comprometida com uma interface social da linguagem enquanto objeto. O escopo das definições aqui trazidas pode ser visto e problematizado dada sua abrangência, isto é, *sentido amplo* ou *sentido estrito*. Em sentido amplo, o conceito de *linguagem* pode fazer referência a qualquer sistema significativo; em sentido estrito, por sua vez, *linguagem* refere-se unicamente à linguagem natural, um sistema de signos linguísticos falados ou escritos. Quando se utiliza qualquer sistema linguístico na interação social, assumimos a instauração de um processo comunicativo. Esse processo pode envolver uma multiplicidade de códigos, originando o que aqui se tem por *comunicação complexa*.

No contexto da troca verbal, a análise da comunicação trivial via fala pressupõe, na interação entre os falantes, a arbitrariedade e a intencionalidade como propriedades relevantes, considerando-se, além dos *traços segmentais* (comutados para formar sílabas, palavras e sentenças), *traços prosódicos ou supra-segmentais* (que se articulam para formar o ritmo de um enunciado ou sistema) e *traços paralinguísticos* (gestos, postura, movimento de olhos, expressões faciais, etc.). Temos que a *cinema*, enquanto fato de linguagem, ao captar tal universo da fala, abarcando expressões corporais, faciais, gestuais, traços prosódicos – através da imagem e da troca verbal –, é tomado como *micromodelo* dessa realidade, orientado, por hipótese, por um *princípio de relevância*, observado na relação custo/benefício. Esse princípio, embora assumido como subjacente à comunicação ostensiva, é evidenciado no discurso fílmico pela imposição da economia de tempo e espaço, daí *micromodelo*: nem “tudo” pode ser *dito*. Pressupõe-se, então, uma *isomorfia comunicativa* entre ditos verbais e imagéticos quando dentro de uma arquitetura ostensivo-inferencial.

A partir da *linguagem cinematográfica*<sup>1</sup> (*lato sensu*, uma linguagem que reúne outras), é possível a construção de um *discurso cinematográfico* enquanto texto heterogêneo, que envolve, entre outras, a linguagem verbal (*stricto sensu*) e a linguagem imagética. A parte metodológica cria, assim, um objeto passível de abordagem linguística, na medida em que o discurso fílmico é tomado como exercício de *linguagens*. A linguagem cinematográfica possibilitaria, então, um discurso complexo e, para fins de análise, *isomórfico*, diferentemente do tratamento dado pela Teoria da Comunicação ou pela Semiologia do Cinema, que utilizam categorias isoladas e/ou hierarquizadas. Pelo viés proposto, o discurso abarcaria em seu escopo *formas significantes* (tal qual a linguagem verbal) que veiculam/geram *significados e inferências*. Essas inferências não são tomadas unicamente como decodificações isoladas, elas, além de permitirem, em si, relações entre linguagens, como entre a linguagem *stricto sensu* e a linguagem imagética, são processadas dentro de um modelo comunicativo e cognitivo equivalente, o ostensivo-inferencial.

Quando se defende a existência de uma relação isomórfica entre as linguagens verbal e imagético-visual, refere-se ao fato de que suas categorias têm o mesmo valor de análise. Assim, tem-se que as inferências constituem cadeias e que as cadeias inferenciais linguísticas e imagéticas são tomadas como análogas. O tratamento de análise assumido os toma como categorias em igualdade de decomposição, de modo que de um lado temos um sintagma nominal, uma sentença, e de outro temos um *imagem*, capaz de gerar inferências e cadeias

---

<sup>1</sup> Para uma discussão problematizada dessas questões, ver METZ, Christian. *A significação no cinema*. Tradução de Jean-Claude Bernardet. São Paulo: Perspectiva, 2004; DIAS, S., *Inferências Linguísticas e Imagéticas em Interface no Discurso Cinematográfico: Uma Abordagem Semântico-pragmática à Luz da Teoria da Relevância*. Porto Alegre: PUCRS, 2008. Monografia (Graduação em Letras - Licenciatura), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

inferenciais. Os *imagemas* são constituintes semânticos da imagem global de um plano, ou seja, são tidos como porções que possuem significação própria. Assim, tanto isoladamente, quanto em relação com os demais, provocam inferências. O *imagema*, entretanto, pode ser decomposto em traços de imagem não significativos, como, por exemplo, parte de um elemento significativo. Na linguagem verbal, temos o fonema/grafema e o morfema como, respectivamente, a menor unidade não-significativa e a menor unidade significativa da linguagem *estricto sensu*; na imagem, as unidades são sempre grafadas, porém, elas podem ser descritas verbalmente. Tais unidades, então, podem ser passíveis de transposição a um modelo verbal de análise a fim de verificarmos sua funcionalidade dentro de um sistema de significação. Um traço de cor, assim, pode ser significativo e derivar implicações lógicas. Um vocábulo imagético, por hipótese, pode estar relacionado a outros de forma a permitir a criação de uma sentença válida e uma sentença imagética pode ter suas partes decompostas em morfemas imagéticos gramaticais e lexicais, por exemplo. Um enunciado imagético, por sua vez, se apresentará como uma cadeia discursiva, com graus de amplitude. A imagem, em última análise, é tomada enquanto “descrição-da-imagem”, conforme sugere Costa (2008), ao argumentar a favor da proposta de Bar-Hillel (1954), que define contexto enquanto “Descrições-de-Contexto”, de forma a considerá-lo enquanto entidade linguística, formando, junto com a sentença, um par ordenado de elementos de mesma natureza (cf. COSTA, 2008, p. 25).

Como ilustração de um processo comunicativo-interpretativo análogo entre texto verbal e imagético-visual, temos a imagem (1), enquanto unidade comunicativa complexa. Trata-se de uma fotografia jornalística veiculada em um site de notícias, juntamente com uma legenda (e acompanhada de uma matéria acerca do assunto).



Fig. 1 – Fotografia.

Fonte – <http://g1.globo.com/pop-arte/>.

Legenda – O ogro mais famoso do cinema, Shrek, ganhou uma estrela na Calçada da Fama, em Hollywood (...). (Foto: AFP)

Lembremos que a forma da linguagem é linguagem, isto é, que a forma veiculando sentidos; ou, nas palavras de McLuhan (1964), “o meio é a mensagem”. Então, o que seria o código imagético-visual? Fazemos referência à mesma instância concebida como código linguístico – sinais utilizados para comunicar representações semânticas. Para Eco (1976, apud Santaella e Nöth, 2005, p. 51), as imagens não são articuladas através de um código, mas cada texto icônico pode ser visto como um ato de *produção de código*, similarmente à visão de *produção* da linguagem cinematográfica de Metz (2004), ao argumentar que falá-la é, em certa medida, inventá-la (METZ, 2004, p. 121). Nos termos da Teoria da Relevância, a perspectiva aqui assumida, nos referimos a uma cadeia de estímulos ostensivos imagético-visuais carregados da presunção de sua relevância ótima.

O leitor, ao tomar contato com a imagem, via percepção visual, processa informações provenientes do *input* visual, tendo seu conteúdo transformado em representações conceituais, que, por sua vez, acionam informações da memória enciclopédica, de modo a observar que: (i) há um boneco inclinado (percepção de signos plásticos e analógicos), sob um tapete vermelho tal qual o da Calçada da Fama (atribuição referencial + conhecimento de mundo), tendo em seu entorno seguranças e frequentadores/trabalhadores do local (atribuição referencial + conhecimento de mundo). Note-se que já está sendo suposta a ativação de um conteúdo armazenado na memória. A descrição apenas dos ditos imagéticos não levaria em conta as informações mentais acionadas, conforme será explorado mais adiante.

O leitor, dessa maneira, está habilitado a saber que se trata de uma foto jornalística não somente pelo veículo em que a imagem é divulgada, sendo capaz de *inferir tal conclusão* a partir da própria imagem. A descrição *semiótica* assume o fato de que os elementos de composição da imagem – na relação entre signos plásticos (cores, formas, composição interna, textura); signos icônicos, em sua analogia (semelhança) com o referente na representação do objeto, e signos linguísticos (escrita) – dá pistas ao leitor acerca da interpretação da imagem (JOLY, 1999).

Pelo modelo ostensivo-inferencial, no entanto, tais informações são informações novas processadas no contexto das informações mentais disponíveis, através de pistas contextuais, sendo que o *contexto* é, nessa perspectiva, construído durante a comunicação – ao ter adicionadas mais suposições, de modo que toda a informação manifesta é disponível e toda a informação disponível pode ser agregada ao contexto – e que a *inferência* está subjacente a esse processo (cf. Silveira, 2005). Assim, a este contexto inicial mínimo de *inputs* imagéticos, que contempla outras suposições, os leitores acionam informações de sua memória enciclopédica, que ampliam o arranjo de informações manifestas, possivelmente: (i) o Tapete Vermelho de Hollywood glorifica estrelas do cinema; (ii) Há uma personagem de animação cinematográfica que possui um dado conjunto de características (iii) Shrek é uma personagem de animação de um filme que está fazendo sucesso no momento; entre outras. Ao processar o conjunto de informações iniciais (P) nesse conjunto de informações disponíveis (C), o leitor esta habilitado a confirmar, rejeitar e *implicar contextualmente* um conjunto de suposições, como, por exemplo: (i) Shrek está representado no Tapete Vermelho da Calçada da Fama de Hollywood; (ii) Shrek, enquanto representação de uma personagem, ganhou uma *estrela* na Calçada da Fama, que completa 50 anos; em uma cadeia inferencial sucessiva.

A legenda da foto é processada analogamente, enquanto conjunto de *inputs* (P) dentro de um contexto de informações (C); tais *inputs* são advindos da *entrada lexical* (conjunto de informações sobre a contraparte do conceito em linguagem natural), por decodificação. A informação nova pode, dentro desse universo comunicativo, confirmar, rejeitar ou gerar suposições. Assim, a sentença “O ogro mais famoso do cinema, Shrek, ganhou uma estrela na Calçada da Fama, em Hollywood (...)”, pode *confirmar* o raciocínio exposto acima, sendo

processada no contexto de informações disponíveis, passando pelas mesmas etapas de processamento mental, podendo negar suposições falsas, como a de que, por exemplo, tratava-se de exposição de bonecos; ou acrescentar novas suposições, no caso de os dítos icônicos não terem sido suficientes para a compreensão do enunciado imagético por parte do leitor, de forma que o leitor compreenderá o texto global somente com a união texto-imagem, pois o texto verbal, separadamente, poderia não dar conta de ativar as suposições necessárias ao processamento das informações.

Vimos até aqui que o discurso imagético-visual e o verbal podem ser abordados analogamente em termos de processamento comunicativo em uma abordagem ostensivo-inferencial. O modelo oferecido pela Teoria da Relevância possibilita explicar, por exemplo, através do *Princípio da Relevância*, por que alguns saberes são acionados e não outros, no processo comunicativo, e como isso ocorre na cognição. A isomorfia de análise entre as linguagem verbal e imagético-visual também será aprofundada em termos descritivos, observando níveis e tipos de inferência.

### 3. Do raciocínio inferencial e do Princípio de Relevância

A Teoria da Relevância (1986/95/05), doravante TR, limita-se ao estudo da comunicação ostensiva. A comunicação ostensiva, por tal perspectiva, é aquela que fornece evidências diretas quanto à intencionalidade das informações em jogo. Desse modo, temos dois níveis de intencionalidades pressupostos pela teoria: a *intenção comunicativa* refere-se a um segundo nível de informação, isto é, é a intenção de tornar mutuamente manifesto (passível de representação para o comunicador e sua audiência) a *intenção informativa*, ou seja, a de tornar manifesto um conjunto de suposições.

Lyons (1995) observa que tanto traços *supra-segmentais* como *paralinguísticos* são elementos significantes – variando em graus de arbitrariedade – que têm a função de pontuar e modular os enunciados; tais elementos, porém, parecem índices de intencionalidade muito mais fortes do que a própria arbitrariedade do signo linguístico. Entretanto, para Sperber & Wilson (1995), doravante SW, e Wilson (2005), a comunicação não codificada é altamente subjetiva, tendo em vista que ela não apresenta evidência direta da intencionalidade do falante, de modo que o ouvinte ficaria procurando o foco; diferentemente do que ocorreria na fala codificada, onde o código carregaria evidências diretas. Por hora, é interessante ponderar que diferentes estímulos (conceituais ou perceptuais), verbais e não-verbais, podem seguir caminhos cognitivos diferentes no processo de compreensão de uma mensagem, mas se aproximam sobremaneira quando são estímulos intencionais em um processo comunicativo.

Isso equivale a dizer que, por hipótese, em um filme, um contexto de comunicação ostensiva, restrita por condições de espaço e tempo, as informações manifestas são trabalhadas intencionalmente (fornecendo evidência direta das intenções do comunicador), sob o julgo de condições fortes de relevância, no cômputo menor custo/ maior benefício cognitivo (noção comunicativa e cognitiva).

Na sua formulação mais geral traçada por Sperber & Wilson (1995), a *relevância* - relativa à máxima griceana menos explorada, a máxima de relação - é uma *propriedade* dos *inputs* (estímulos ou suposições) para os processos cognitivos (perceptuais ou inferenciais). A relevância de um *input* se dá em igualdade de condições com qualquer função biológica onde são sempre positivos maiores benefícios ou menores custos. Ou seja, a relevância é conseguida quando um *input* compensa seu esforço de processamento: ou há elevados efeitos cognitivos, ou há um baixo custo de processamento. Dessa maneira, trata-se de uma propriedade cognitiva e sua busca é uma característica natural humana, subjacente a todo ato comunicativo.

Por essa perspectiva, a relevância é uma função de esforço e efeito, os quais são, a princípio, dimensões não-representacionais. Quando passíveis de representação mental, W&S (2005) partilham da hipótese de que efeito/esforço são julgados comparativamente de forma intuitiva pelo indivíduo. Tais julgamentos podem se referir ao tempo de processamento das informações e ao número de implicações contextuais obtidas, por exemplo, e podem envolver aspectos bem difíceis de mensuração como a atenção e a força das implicações envolvidas; Costa (2008) problematiza tais aspectos. É importante salientar que a relevância é verificada em graus, não em sua existência ou inexistência. Observando essa questão, Silveira & Feltes (2002, p. 47) destacam que uma suposição não é relevante em si mesma, uma vez que fatores como a organização da memória enciclopédica de um indivíduo, suas habilidades perceptuais e outras habilidades, bem como a atividade mental na qual está engajado, restringem a seleção do contexto de suposições.

Desse modo, para S&W (1995), o percurso interpretativo é o seguinte: (i) recupera-se o significado de uma frase codificada linguisticamente (ou captada perceptualmente); consideram-se as hipóteses interpretativas (desambiguações, atribuições referenciais, suposições contextuais, implicaturas, etc.) seguindo a ordem de acessibilidade; o processo é concluído quando o nível esperado de relevância for alcançado.

#### 4. Da abordagem semântico-pragmática

Enquanto a Semântica detém-se no estudo das sentenças enquanto unidades formais, abstraindo falante e contexto, a Pragmática investiga as sentenças no universo de uso, considerando as particularidades discursivas. Estudar Semântica pura ou Pragmática pura, na perspectiva comunicativa, é um intento complexo, senão impossível, pois, mesmo metodologicamente interessante em termos descritivos, em termos explicativos há uma interface inevitável.

O termo *implicatura* é um termo griceano referente ao conteúdo que está para além do linguisticamente expresso. Para Grice (1967), tudo que está para além do dito, excetuando desambiguação e atribuição referencial é conteúdo implícito. De acordo com o modelo, há duas classes de implicaturas: as *convencionais* e as *conversacionais*, estas últimas divididas em generalizadas e particularizadas. As implicaturas *convencionais* referem-se ao conteúdo inferido a partir do significado convencional das palavras no discurso. A título de exemplificação, temos que, quando dizemos *o filme fez sucesso, portanto é bom*, implicamos, através da significação convencional do nexos oracional ‘portanto’ dentro da sentença, que *todo filme de sucesso é bom*. As implicaturas *conversacionais particularizadas* se referem às implicaturas veiculadas a partir da sentença dentro de um contexto particular, uma vez que a mesma sentença dentro de um contexto diverso não acarretaria tais implicaturas e que sua simples enunciação, em uma situação normal de comunicação, não as acarretaria. Se, por exemplo, um amigo questiona ao outro em uma exposição de arte: *Você gostou daquele quadro?* E o amigo responde: *O pintor é famoso*. Dentro deste contexto específico, o amigo poderia implicar que outro não apreciou a obra. As implicaturas *conversacionais generalizadas*, de outro modo, são acionadas através da combinação das palavras, de um determinado arranjo da sentença, “na ausência de circunstâncias especiais”. Como exemplo desse tipo de implicatura, imaginemos alguém proferindo para um amigo o seguinte enunciado: *Vou buscar um livro no colégio*. Em situação discursiva normal, tal pessoa estaria implicando que vai buscar um livro que não era tópico da discussão entre os interlocutores do diálogo, bem como que o colégio em que irá buscar o livro é de conhecimento mútuo e até que, provavelmente, ele estude lá. As implicaturas são disparadas porque, em um momento, o falante não foi específico o bastante, isto é, não “da forma que se poderia esperar que fosse”;

e, em outro momento, mesmo não tornando explícito, foi específico na indicação, tornando sua referência definida, singular. Tais implicaturas, é claro, carregam o traço pragmático da *cancelabilidade*.

A TR, por sua vez, apresenta um conceito de dito mais complexo, na interface Semântica/Pragmática, através da noção de *explicatura* – em analogia ao termo griceano. Na TR, o conteúdo explícito não é apenas o significado convencional das expressões, mas esse dito enriquecido semanticamente por informações pragmáticas, envolvendo uma série de processos: desambiguação, atribuição referencial, preenchimento do material elíptico, interpretação de expressões vagas, indeterminações ilocutórias (atitude proposicional – atitude do falante perante a elocução). Toda a informação para além da *explicatura* será uma *implicatura*. Por essa perspectiva, temos, então, a Pragmática enriquecendo a Semântica.

Levinson (2000), por sua vez, em relação às *implicaturas conversacionais generalizadas* (ICGs), assume que há um nível intermediário entre o dito (semântico) e o implicado (pragmático), em uma interface complexa. Como exemplificação, temos que a declaração *alguns autores foram relevantes* acarretaria o conteúdo de que *nem todos os autores foram relevantes*. Trata-se de uma interpretação *default* que não pode ser reduzida apenas à significação da palavra *alguns*, de forma a possuir características de uma inferência pragmática, de ser não-necessária e cancelável, bem como de inferências semânticas, uma vez que é livre de contexto.

Tendo em vista tais complexidades, trata-se de distinguir tipos de inferência, de observar as relações entre as linguagens verbal e imagética, e, o que se julga nesse momento como o mais relevante, de descrever os processos em uma interface amigável.

## 5. Da análise ilustrativa

O processo comunicativo é assumido enquanto processamento e troca de informações, representações do mundo real ou possível, através de manifestabilidade de suposições. Desse modo, ele envolve processos de codificação/decodificação (tem-se na presença de código uma parcela de evidência sobre as intenções do falante) e processos inferenciais (também produção e interpretação de evidências).

A *imagem-movimento* (sequência, animada) opera-se com um grau maior de complexidade em comparação à imagem fixa (mensagem mínima), a exemplo da que foi apresentada, pela extensão de sua fala. Um enunciado fílmico, como a imagem fílmica, é uma sequência discursiva, uma cadeia mais ampla de informações manifestas. Assim, em um filme, opera-se com um encadeamento de ditos e implicados, possibilitando implicaturas sobre uma cadeia mais ampla. Quanto mais amplo for o contexto de informações manifestas ou mais manifestas, mais amplo será o discurso.

Dentro do quadro teórico exposto, a *relevância* dos *inputs* não está nem no filme, nem somente na cognição de cada indivíduo, e sim na interface cognição/estímulo do comunicador (entenda-se, no caso, uma entidade plural), por este manipular um conjunto de motivos que carregam a presunção da evidência relevante de sua intencionalidade. Temos, assim, uma relação de processos cognitivos para processos cognitivos, mediadas por estímulos; bem como uma relação entre estímulos multiformes, mediante a manipulação de *uma* cognição. Ou seja, há presença de evidências diretas (oriundas de fonte sensória) como também há suposições armazenadas na memória enciclopédica – também referentes à memória de curto prazo, já que as informações manifestas ou mais manifestas em relação à história do filme estão sendo armazenadas – evidenciando a *ostensão* (manifestabilidade intencional) presente, fazendo com que o espectador, por hipótese, realize um dado cálculo dedutivo em uma cadeia inferencial complexa.

Nesse contexto, O Barão Vermelho (The Red Baron) é um filme que retrata parte da história de sucesso de Manfred von Richthofen, que é tido como o maior Ás da Primeira Guerra Mundial. Mesmo que essas informações não estejam disponíveis (manifestas) para o espectador do filme, o *input* verbal do título, como parte do texto fílmico, já age como estímulo ostensivo, de modo a ser captado pela percepção visual, processado pela *entrada lexical* dentro de um contexto de informações prévias, e derivar uma cadeia de suposições por parte da audiência, *a exemplo de*: (i) o filme foca-se na história de um homem; (ii) este homem representado é um nobre ou é caracterizado como tal; (iii) a cor vermelha é um traço relacionado a essa personalidade representada – em uma escala de suposições.

Ao espectador, nas primeiras cenas do filme, é tornada manifesta uma sequência de *inputs* imagéticos. São apresentados, à luz do dia, meninos caçando em uma floresta; de repente, ouve-se um barulho semelhante ao de um motor de avião e o menino maior, que está com a espingarda, sai em direção ao ruído, a cavalo, seguido pelos outros dois meninos e pelo cachorro. Tal descrição verbal, porém, já é resultado de um processo inferencial que envolve ditos e implicados.



Fig. 2 – Apresentação.

*Imagens:*

- (i) parte superior do corpo de um menino; objeto semelhante a uma arma; cervo em uma mata; parte superior do corpo de dois garotos e de um cachorro atrás de algo semelhante a um tronco de árvore;
- (ii) árvores, folhas, troncos, arbustos.

Temos que as informações contidas em (i) representam a descrição de *vocábulos imagéticos*; o que representa um nível de descrição. Se descrevêssemos (i) como: parte superior do corpo de um menino segurando um objeto semelhante a uma arma, por exemplo, tal descrição corresponderia a uma *sentença imagética*; e se descrevêssemos essa sentença considerando a cadeia do discurso, descreveríamos um *enunciado imagético*. Cada nível, por certo, exige a descrição de propriedades semânticas (e pragmáticas) próprias.

Assim, um *imagem* deve ser enriquecido semanticamente até chegarmos à forma completa de seu dito, à *explicatura imagética*. Os *imagens* em (i), então, devem passar por um processo de seleção de representações semânticas, desambiguação, atribuição referencial, preenchimento de material elíptico, interpretação de expressões vagas. Temos que completar inferencialmente o dito para formalizarmos que aquele menino (após igualmente inferirmos que se trata de um menino) segura uma arma (após enriquecermos o dito e gerarmos o conceito de uma arma). Não está explícito que há um corpo humano (inteiro) segurando uma arma, mas o espectador faz este enriquecimento, para então, partir para outras inferências. Semelhante à linguagem verbal, um dito deve ser completado para ter valor de verdade. Como posso dizer que um menino está segurando uma arma, se não sei se há um menino, ou se realmente ele está segurando uma arma, por exemplo. Quando o espectador infere o outro lado da arma ou o restante do menino, trata-se de uma inferência semântica (enriquecimento semântico), pois esta é mais estável, menos cancelável e livre de contexto, já que o outro lado da arma não teria, por hipótese, como não estar ali. O mesmo processo é realizado com os *imagens* referentes aos meninos e o cachorro atrás da árvore e com o cervo na mata. Assim, a *explicatura imagética* da *cadeia* imagética poderia ser posta como *é declarado que (atitude proposicional) um menino, acompanhado de outros dois e de um cachorro, caça um cervo em uma floresta de dia*.

Dá-se, então, que a percepção dos objetos imagéticos envolve não apenas ativação de conceitos (como a decodificação linguística), mas também envolve informações enciclopédicas. Assim, poder-se-ia pensar que há um processo inferencial que está para além do simples reconhecimento perceptivo de elementos da realidade representada, agindo no *output* deste reconhecimento. Temos que as informações contidas em (ii) são todos *imagens* que, na sua relação com o restante das imagens percebidas, *implicam convencionalmente* que o local em que os meninos estão é uma floresta. Não importa em que cultura eu exiba tal conjunto imagético, desde que os espectadores dominem/partilhem o *valor convencional* dos motivos imagéticos em questão, eles implicarão que o espaço em que as personagens se encontram é uma floresta. Como se trata de uma implicatura pragmática (griceana), ela pode ser cancelada. Desse modo, quando vemos um ambiente que nos remete a uma floresta, podemos ter tal inferência cancelada, ao vermos que se trata de uma pequena vegetação, no momento em que nos é revelado um plano maior, por exemplo. A união dos conceitos ativados a partir dos *inputs* com as informações enciclopédicas gera inferências, as quais podemos tentar um paralelo com as inferências de linguagem em sentido estrito. Temos, assim, porções de conceitos, que podem reforçar as suposições iniciais, que servem como premissas implicadas para outras conclusões. Para atribuirmos referência a esses meninos,

teremos que nos valer de mais informações, quer sejam verbais, imagéticas ou verbo-imagéticas.

O filme segue na exposição de um encadeamento de ditos e implicados. Apresentamos, anteriormente, como suposição de um conjunto de suposições iniciais que (i) o filme foca-se na história de um homem. As imagens apresentadas no começo do filme relacionam-se a crianças, às quais não foi atribuída referência. Nesse contexto, segue-se, no transcorrer da narrativa, uma cadeia de ditos imagéticos, a exemplo destes. Observemos, então, o modo de apresentação da sentença imagética, em analogia ao modelo desenvolvido por Levinson (2000).



Fig. 3 – O aviador.

Os espectadores irão buscar por informações que gerem efeitos contextuais relevantes dentro do contexto comunicativo, na medida em que vão construindo um contexto de informações manifestas; assim, necessitam corroborar, descartar ou gerar novas suposições. Para dar referência ao menino em destaque na imagem anterior, por exemplo, bem como para dar referência ao objeto indicado no título do filme, o espectador passará por um processo inferencial. Por que o comunicador não torna fortemente manifesta sua intenção informativa através do uso de um enunciado verbal que apresentasse um personagem como o Barão; tornando-se, assim, mais *relevante* devido ao fato de que pouparia o esforço da audiência em procurar pelas suposições a serem acionadas entre tantas manifestas em uma comunicação fraca? SW (1995) argumentam que, em graus variados, toda comunicação não-verbal é

exemplar de comunicação fraca, na medida em que não podemos estar certos a respeito de quais suposições tornadas manifestas pelo comunicador foram as que ele realmente tinha em mente. Embora o estímulo verbal fosse o mais relevante em termos comunicativos, ele poderia não ser o mais relevante em termos estéticos. Porém, dada a escolha, os *inputs* imagéticos devem compensar seu esforço de processamento; nesse caso, não somente pelo que é dito, mas também pela *forma* como é dito. Quanto à forma das expressões, temos um tipo de inferência pragmática particular que pode ser ativada. São inferências que Grice (1967) classificou como ICGs, para as quais Levinson (2000) estruturou um modelo de análise. São inferências que se referem à maneira de apresentar algo, à forma de dizer. De acordo com a 3ª. Heurística (M) deste autor, *o que é dito de uma forma anormal, não é normal*. Dados os *imagemas*:

- (i) plano fechado (primeiríssimo primeiro plano) frontal de um homem;
- (ii) *close up* de um homem.

Assim, temos que, na narrativa, antes da apresentação desses *imagemas* é dito (em *sound off*) “dez anos mais tarde”, captado pela percepção, decodificado pela entrada lexical e processado em um conjunto de informações. Pelo conjunto imagético, este homem é apresentado em destaque para o espectador. Não significa dizer que apresentá-lo em uma posição de evidência seja anormal, mas implica na quebra do padrão, do *default*, marcando-se na expressão um estado de coisas marcado. Desse modo, não é a situação particular que gera a ICG de que ele é apresentado em destaque naquele momento da narrativa, mas justamente a escolha das propriedades semânticas da imagem que provoca tal inferência.

Como exemplificação da relação verbo-imagem no armazenamento, ativação e construção de suposições, temos a seguinte sequência:



Fig. 4 – A máxima.

Temos aqui dois momentos da narrativa representados. Na primeira imagem, temos a representação da personagem Kurt Wolff proferindo um enunciado a Lothar von Richthofen: “sabedoria e prudência andam juntas”; na segunda, Lothar von Richthofen – ao lado de Manfred von Richthofen, seu irmão, o Barão Vermelho – profere um enunciado a Wolfram von Richthofen: “sabedoria e prudência vão juntas”. O enunciado apresentado na segunda imagem, em um momento bastante à frente na narrativa, recupera o enunciado anterior. Tal

informação mostrou-se acessível, exigindo um custo de processamento mínimo para ser resgatada da memória. No momento em que Lothar von Richthofen parte com a ostensão verbal: “Sabedoria e prudência vão juntas”, os ouvintes decodificam o enunciado e o enriquecem de modo a processá-lo dentro de um esquema de suposições (informações da memória enciclopédica) acessíveis à construção do contexto: (i) Lothar está repetindo o mesmo que Kurt Wolff disse a ele quando este entrou no grupo; (ii) Lothar inicialmente demonstrou resistência às orientações do irmão e dos demais companheiros, opondo-se a elas; (iii) Lothar apresentou mudança em seu comportamento ao longo dos confrontos, entre outras, de modo a implicar uma cadeia de conclusões, a exemplo de: (i) Lothar realmente mudou sua postura inicial; (ii) Lothar compreendeu as orientações e lições do irmão e dos demais companheiros; (iii) Lothar veio a concordar com o posicionamento da equipe; (iv) Lothar apresentou uma postura madura e de crescimento dentro da equipe, entre outras. As suposições acionadas dentro de um contexto de possibilidades serão aquelas compatíveis com o princípio da relevância, no cômputo esforço/efeito de cada cognição envolvida.



Fig. 5 – Expressões faciais.

Segue-se que, na sequência fílmica, esta que pode fornecer evidências acerca do raciocínio dos interlocutores na comunicação de informações e intenções, são mostradas as reações das personagens ao dito verbal, demonstrando a existência de implicações contextuais por parte das personagens, comunicadas ao espectador pelas expressões faciais (não-verbais).

*Imagens:*

- (i) expressão de sarcasmo de uma personagem;
- (ii) expressão irônica de uma personagem.

Assim, através do estímulo ostensivo (em uma atitude informativa e comunicativa) de Lothar, enquanto para o personagem Wolfram a *intenção informativa* ficou mais manifesta, para os demais a *intenção comunicativa* foi mutuamente manifesta e gerou implicaturas que para Wolfram não seriam dedutíveis, dada a falta de informações contextuais a ele acessíveis; esse caso também poderia exemplificar o que se tem por *implicaturas concomitantes* (VIÉGAS-FARIA, 2002), ocorrendo em um contexto em que há mais de dois interlocutores de modo que, para um mesmo enunciado, há implicaturas diferentes – todas compatíveis com

o princípio da relevância. A audiência, que, por hipótese, têm acesso a esses *dois contextos* comunicativos distintos, operaria com mais efeitos cognitivos, o que aumentaria a relevância dos *inputs* (verbais e imagéticos). Os *imagemas*, então, implicariam para a audiência que os personagens decodificaram o enunciado proferido por Lothar e o processaram dentro de um esquema de suposições de modo a gerar uma cadeia de implicações a exemplo da que foi ilustrada.

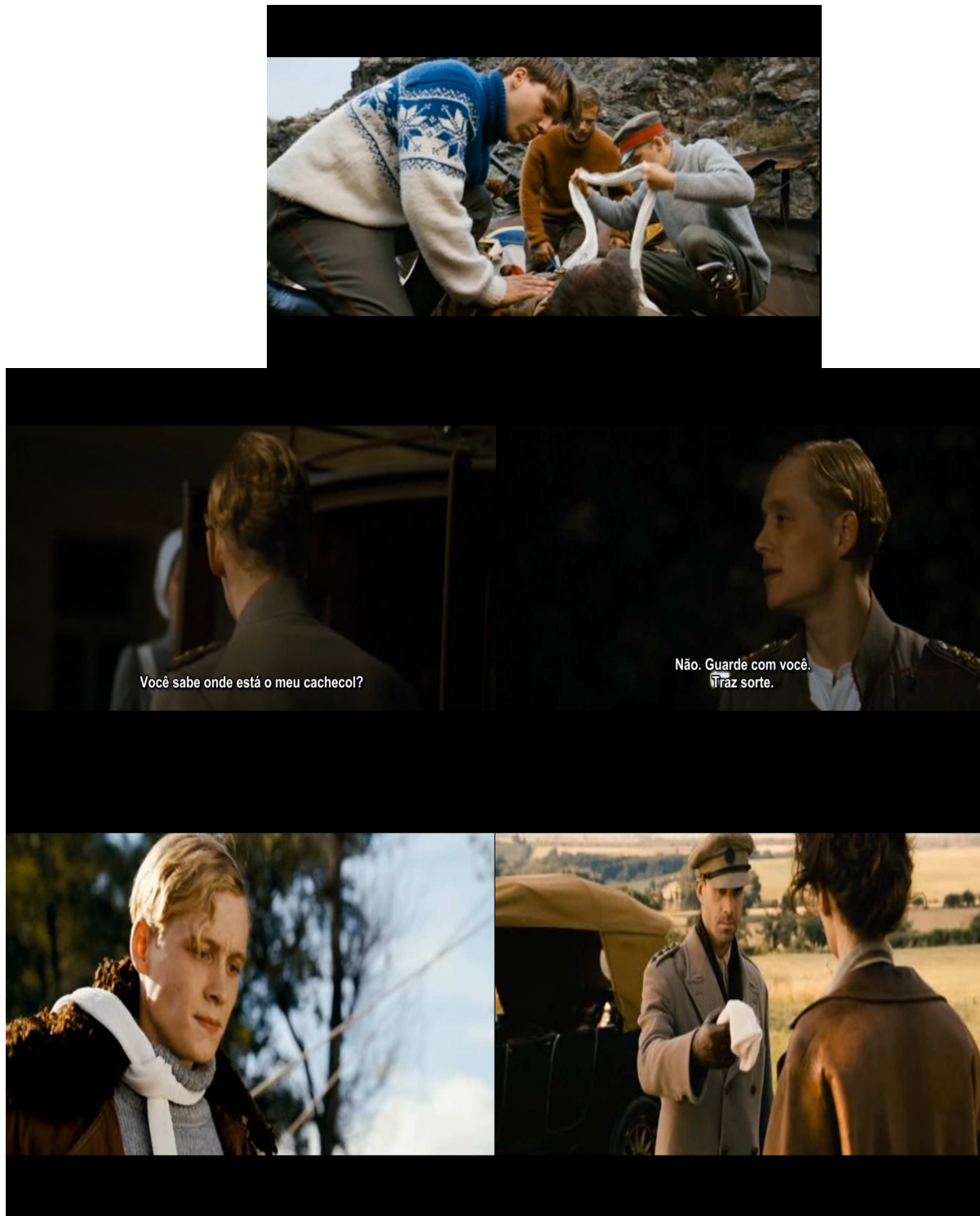


Fig. 5 – O cachecol.

Temos presente no final da narrativa fílmica um *imagem lexical* muito importante: (i) um cachecol. Para que o espectador enriqueça tal dito imagético semanticamente e infira, pragmaticamente, que se trata de um cachecol, ele irá processar o dito imagético em um contexto de suposições, operando na recuperação de dados da memória enciclopédica referentes a informações prévias fornecidas pela narrativa. Poderíamos listar nessa cadeia de informações: (i) a presença do cachecol de Manfred na parte inicial da narrativa (conforme representado pela primeira imagem desta sequência); (ii) a importância do cachecol para o personagem Manfred e a relevância do objeto na relação dele com a personagem Käte Otersdorf (conforme segunda e terceira imagens) (iii) a presença do cachecol no último voo de Manfred (conforme indicia a quarta imagem). Deste modo, a última imagem trazida nessa sequência abarca o referido *imagem*, o qual, processado em uma cadeia de suposições, é premissa para uma cadeia inferencial. Diferentemente das implicaturas *convencionais* e *conversacionais generalizadas*, o *imagem* (i) está extremamente relacionado ao contexto *comunicativo* (que engloba a estrutura interna) do qual é *input*. Quando o personagem Capitão Roy Brown entrega o objeto branco à personagem Käte Otersdorf, é possível implicarmos diretamente do exposto que aquele objeto (i) é um cachecol, (ii) é o cachecol de Manfred, (iii) Manfred está morto, (iv) Manfred foi morto em ação, (v) Capitão Roy Brown teve contato com os pertences de Manfred, (vi) Capitão Roy Brown pode ter tido algo a ver com a morte de Manfred, em uma escala de implicações encadeadas. Todas essas inferências são inferências pragmáticas, uma vez que podem ser canceladas e que estão vinculadas ao contexto dentro do qual os ditos são processados. Muitas vezes, temos que rejeitar algumas suposições e apresentar outras, devido à alteração do contexto do qual o objeto é *input*. A tais implicaturas que expressam tamanha relação de dependência contextual denomina-se ICP, na tradição griceana.

Conforme exposto, as conclusões implicadas podem servir como premissas para outras conclusões. Assim, no final do filme, é narrado, entre outras informações, que Manfred foi morto em ação, que foi enterrado na França com todas as honras militares e que o Capitão Roy Brown recebeu os créditos de derrubar Richthofen. O processo de confirmar, descartar e gerar novas suposições só acaba, desse modo, na medida em que o processamento de informações cessa.

## 6. Discussão

A transposição de um modelo de análise do material linguístico para o imagético-visual mostrou-se possível, havendo uma aproximação mais amigável em termos descritivos da análise texto-imagem, ao assumirmos o conceito de *imagem* enquanto unidade semântica da imagem global, isto é, enquanto porção imagética com significação própria. A abordagem da imagem enquanto “descrição-da-imagem” foi metodologicamente decisória no processo de análise. É necessário considerar que a descrição fornecida pelo aparato teórico das diferentes correntes da Semiótica e da Semiologia são extremamente ricas, e, como em qualquer abordagem teórica, os elementos descritos só são relevantes dentro de uma perspectiva que os abarque. A imagem, em analogia à linguagem verbal, pode ser estudada do ponto de vista de sua *sintaxe*, de sua semântica/pragmática, das relações de foco/fundo, de seus operadores, etc. Dessa feita, não podemos ignorar que todos e muitos mais desses elementos existam, entretanto, uma perspectiva teórica irá recortar o que for necessário à análise do seu objeto.

A abordagem dada ao discurso cinematográfico o tomou na perspectiva de *micromodelo* da realidade e de linguagem *lato sensu*, bem como, em termos teórico-argumentativos, observou complexidades estabelecidas nas interfaces: (i) o limiar e a relação

entre conteúdo semântico e pragmático (inferência semântica/ inferência pragmática); (ii) o limiar entre nível de processamento puramente perceptual e nível de ativação de conhecimentos da memória enciclopédica; (iii) o estabelecimento de uma escala inferencial relacionada à intencionalidade; (iv) intenção informativa/intenção comunicativa.

Para além, a relação deste estudo com o Ensino direciona-se à aplicabilidade pedagógica, na medida em que se estimula um trabalho com os ditos e implicados, abordando a *forma* como *conteúdo*, em uma relação direta com a ideia *o meio é a mensagem* (McLuhan, 1964).

O objeto, assim, é delineado nas interfaces assumidas. Partindo-se da premissa de que há um processo de interpretação de linguagem comum a todos os filmes (produção) e que há uma conexão entre compreensão da linguagem verbal e da imagético-visual, que relaciona, em algum nível do processamento inferencial, ambos os códigos, deriva-se então, que, se adequadamente descritos, podem permitir que sejam feitos mapeamentos de neuroimagem que localizem as áreas do cérebro ativadas nesse processo. Para que tal testagem seja teoricamente pertinente, porém, ela deve estar ancorada em um modelo linguístico descritivo adequado, permitindo, assim, a elaboração de instrumentos qualificados.

## Referências

- COSTA, Jorge Campos da. *A relevância da pragmática na pragmática da relevância* [recurso eletrônico] / Porto Alegre : EDIPUCRS, 2008. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs/online/livro28.html#livro>> Acesso em: 02 ago 2010.
- \_\_\_\_\_, Jorge Campos da. The sciences of language: communication, cognition and computation - Inter/Intradisciplinary Relations. In: AUDY, Jorge Luis Nicolas; MOROSINI, Marília Costa (Orgs.). *Inovação e interdisciplinaridade na universidade*. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2007. Disponível em: < <http://www.pucrs.br/edipucrs/online/livro32.html#livro>> Acesso em: 30 abr 2010.
- GRICE, H. P. *Lógica e Conversação*. Tradução de Geraldini, J. W. do original: *Logic and Conversation* (1967). In: DASCAL, M. (Org.). *Fundamentos Metodológicos da Lingüística*, 5: pragmática - problemas, críticas, perspectivas da lingüística. Campinas: Unicamp, 1982.
- JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. 2. ed. Campinas: Papirus, 1999.
- LEVINSON, Stephen C. *Presumptive Meanings: the theory of generalized conversational implicature*. MIT Press, 2000.
- LYONS, J. *Linguistic semantics: an introduction*. Cambridge: Cambridge UP, 1995. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books>>. Acesso em: 2 jun. 2010.
- MCLUHAN, M., *Understanding Media: the extensions of man*. New York: McGraw-Hill, 1964.
- METZ, Christian. *A significação no cinema*. Tradução de Jean-Claude Bernardet. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- MÜLLERSCHÖN, Nikolai. *The Red Baron* (Der Rote Baro). [Filme DVD]. Produção de Nikolai Müllerschön et alli., direção de Nikolai Müllerschön. Alemanha, 2008. 1 DVD, 106 min. color.
- SILVEIRA, Jane R. Caetano. A imagem: Interpretação e comunicação. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 5, n. esp., p. 113-128, 2005. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0503/7%20art%205.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2007.
- \_\_\_\_\_; FELTES, Heloísa P. de Moraes. *Pragmática e cognição: a textualidade pela relevância*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

SPERBER, D; WILSON, D. *Relevance: Communication & Cognition*. 2nd ed. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1995.

VIÉGAS-FARIA, Beatriz. Implicaturas em Romeu e Julieta: a teoria de Grice e suas implicações para o estudo da tradução. In: IBANOS, Ana T.; SILVEIRA, Jane Rita C. da (Orgs.). *Na interface semântica/pragmática – programa de pesquisa em lógica e linguagem natural*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 427-465.

WILSON, Deirdre. New directions for research on pragmatics and modularity. *Lingua* 115: 1129-1146. 2005. Disponível em:

<<http://www.phon.ucl.ac.uk/home/deirdre/papers/6a%20Sperber%20&%20Wilson%2005%20Philosophy%20handbook.doc>>. Acesso em: 26 out. 2008.

\_\_\_\_\_; SPERBER, D. Teoria da relevância. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 5, n. esp., p. 221-268, 2005. Disponível em:

<<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0503/12%20art%2010.pdf>>. Acesso em: 14 ago 2008.